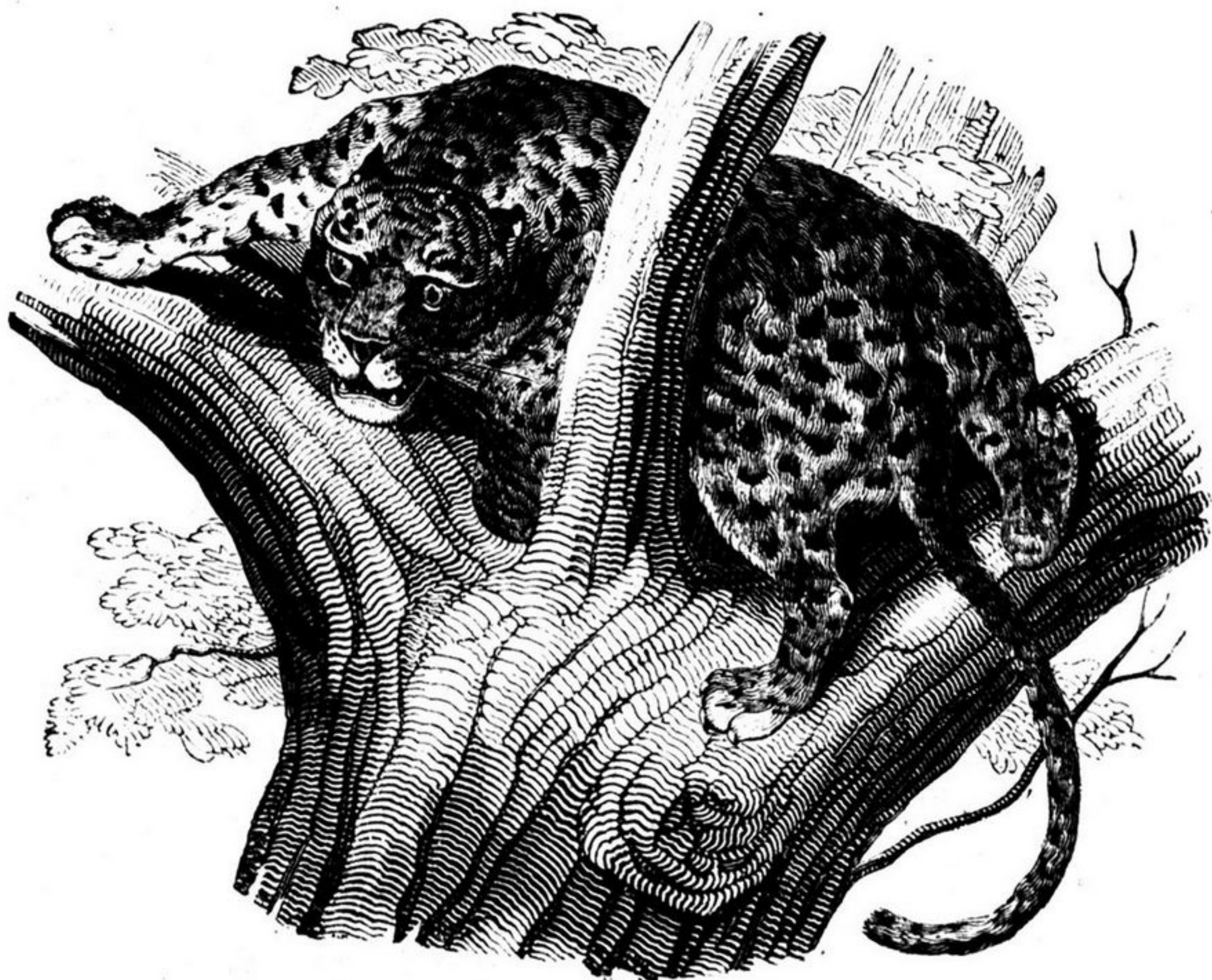


O LEOPARDO

A *panthera* e o *leopardo* são duas espécies que pertencem à raça *felina* e que se confundem muitas vezes uma com a outra. O *leopardo* (*Felis leopardus*, do lat. *leo* leão, *pardus* panthera) habita na

Africa e na Asia; a *panthera* (*Felis pardus*) só se encontra na India e nas ilhas da Sonda. O primeiro é maior que a segunda e attinge por vezes 1 metro 30 de comprimento, não comprehendida a cauda. A cor do pello do leopardo é de um louro claro com 6 a 10 fileiras de manchas pretas,



O Leopardo

em forma de roseta, isto é formadas de tres a quatro laivos simples, sobre cada flanco. A da panthera é de um amarello carregado, com um grande numero de manchas igualmente em forma de roseta, porém mais proximas umas das outras. Estes dois animaes vivem nas florestas, e sobem, dizem, ás arvores com extrema agilidade perseguindo os macacos, aos quaes fazem uma caça activissima. Os seus costumes são muitissimo semelhantes aos dos outros animaes felinos de grande corpo.

Existe na ilha de Java uma especie d'esta mesma familia, que se chama *Mélas* e *Arimau* (*Felis melas*), porém mais commummente *Panthera negra*, que excede algumas vezes, as especies de que fallamos, em tamanho: mas, ordinariamente tem o corpo e a forma geral da panthera, e a cor do pello negra deixa ainda distinguir signaes, como os d'esta, de um preto mais carregado. Muitos auctores olham este animal como uma especie distincta, e outros consideram-n'o simplesmente como uma variedade da panthera vulgar. Seja

como for, é impossivel existir um animal mais cruel, e de aspecto mais feroz. Durante o dia, não sae do covil; mas, logo que a noite cobre com o seu negro manto a terra, torna-se um objecto de terror para todos os entes vivos.

O leopardo tem logar entre as figuras heraldicas.

O TABACO

(Conclusão)

A maneira de fumar o tabaco está tambem longe de ser indifferente.

Os cachimbos turcos ou hollandezes tem a vantagem de despojar o fumo dos seus oleos empyreumaticos e de tornal-o menos prejudicial. O charuto, pelo contrario, colloca os fumadores na posição de mascar e engulir o succo do tabaco, o que dá lugar a effeitos de irritação local, assim como a effeitos de absorção muito incommodos. Os fumadores tem os beiços e as gengivas inflammadas, os dentes amarellos, fuliginosos e com o esmalte alterado. Emfim, o abuso do tabaco póde gerar o cancro nos labios, doença

terrível, que de anno para anno se tem tornado mais frequente. Segundo uma estatística devida a M. Leroy, o cancro dos labios figura apenas $\frac{1}{100}$, entre a mulher, em quanto que no homem eleva-se a mais de $\frac{1}{20}$. O cancro da lingua poderia, como o dos labios, merecer o nome de *cancro dos fumadores*; a sua causa é quasi sempre o abuso do cachimbo, especialmente do cachimbo curto, dito *queima-quelas*, cujo fumo entra quente e agro na bocca. Tambem, por uma estatística de M. Bergeron, o cancro do estomago é mais frequente no homem do que na mulher, e a causa deve-se procurar nos funestos effeitos do tabaco de mascar. O celebre philosopho francez Mallebranche morreu d'esta terrível molestia: tinha-se habituado a mascar tabaco.

Passemos agora a fallar dos effeitos do fumo do tabaco, o qual, segundo M. Melsens, contem, pouco mais ou menos, 7 por cento de nicotina.

É sabido que n'um espaço cheio de fumo de tabaco, não se podem reunir muitas pessoas e demorarem-se alli algum tempo sem experimentarem dores de cabeça, náuseas e mesmo syncopes. Eis um caso dos mais frisantes. Um mancebo de dezete annos tinha ido visitar seu tio, que occupava, em uma casa de campo, um quarto pequeno e pouco arejado. O tio entrou proximo das Ave-Marias em companhia de dois amigos e todos tres estiveram fumando até á meia noite. Logo que os amigos se retiraram, o tio quiz deitar-se ao pé do sobrinho; mas, qual não foi a sua admiração, quando, ao entrar na cama, encontrou o mancebo inteiramente frio. Pediu soccorro, mas já era tarde. O joven tinha succumbido a uma congestão cerebral determinada pela asphyxia.

É nas fabricas do tabaco, especialmente, que os peritos podem fazer as suas observações. A maior parte dos operarios são obrigados a suspenderem, de vez em quando, os seus trabalhos, por causa das dores de cabeça, náuseas, dyspepsia, etc. Ainda não ha muito tempo que um infeliz, que tinha adormecido na casa da fermentação, morreu asphyxiado. Os operarios acostumados a esta atmosphera, conservam sempre um ar de soffrimento, com certos caracteres physicos de velhice prematura: tem má cor, soffrem da cabeça e do estomago, emmagrecem, tem tremores, etc.

A maior parte d'estes symptomas, com especialidade as dores de cabeça e digestões difficéis, observam-se tambem nos fumadores de profissão. Experimentam habitualmente uma sede mais ou menos viva, alternativas de prisão de ventre e de diarrhea. A estes symptomas juntam-se o embotamento dos sentidos, a demora da concepção, o enfraquecimento da memoria, a falta de precisão nos movimentos musculares, o tremor dos membros; n'uma palavra, tudo o que denota um estado morbido dos centros nervosos. Os orgãos do ouvido e da vista soffrem tambem com o abuso do tabaco, como o provaram M. Bonnafont, Sichel, Hutchinson e outros medicos.

Segundo as averiguações experimentaes de M. Claude Bernard e do doutor Decaisne, o tabaco exerce principalmente os seus effeitos sobre os

centros nervosos, com especialidade sobre a fibra motriz. Ultimamente citou-se o exemplo de um estudante ainda novo, que tinha chegado a um estado de idiotismo epileptico, resultado da embriaguez permanente de tabaco. Sir Charles Pastings observou um caso de epilepsia muito grave em um menino de doze annos, que fumava em excesso havia dois annos, e que se achou curado logo que conseguiu abandonar este funesto habito. M. Michéa, encontrou muitos exemplos de ataxia locomotriz entre os fumadores incorrigiveis. O Doutor Hiffelsheim contou na *Union Médica*, um caso de *delirium tremens* sem delirio, devido ao abuso do cachimbo, e que desapareceu com a causa do mal.

Mas o que sobre tudo é muito grave, é a parte evidente que o tabaco toma no desenvolvimento das doenças mentaes, e especialmente d'esta forma de alienação mental, que se designa sob o nome de geral e progressiva. Dois medicos belgas, Gaislan e Hagon, foram os primeiros a mostrar a influencia do tabaco e das bebidas alcoolicas sobre o desenvolvimento quasi inaudito d'estas doenças. Por uma estatística do doutor Rubio, vê-se que o numero relativo de alienados é muito mais consideravel nos paizes do Norte, onde o consumo das bebidas alcoolicas e o do tabaco é muito maior, que nos paizes meridionaes, muito sobrios e pouco fumadores. Segundo M. Moreau, de Tours, não se encontra um só caso de paralyisia geral na Asia Menor, onde se não abusa das bebidas, e onde se fuma um tabaco quasi isento de nicotina. Pelo contrario, as doenças mentaes multiplicam-se de uma maneira espantosa na Europa, á medida que o consumo do tabaco augmenta.

Já se viu que de 1830 a 1862, o rendimento do tabaco, ao thesouro de França, elevou-se de 30 a 200 milhões de francos. Ora, durante o mesmo periodo, o numero dos alienados elevou-se, alli, de 8000 a 44000. Estas cifras não comprehendem, além d'isso, senão os alienados sequestrados; porque se se lhe ajuntasse a dos que são tratados em seus domicilios, chegaria provavelmente a 60000!

Em summa, contando as outras doenças dos centros nervosos, que testemunham uma etiologia commum e que não figuram nas estatísticas, seria preciso escrever — 100:000 — para mostrar o numero dos individuos que, em França sómente, soffrem os effeitos toxicos do fumo do tabaco.

M. Jolly procurou nos asylos publicos e particulares documentos proprios para esclarecer a questão de que estamos tratando, e assim pode convencer-se de que nos homens é sempre a *paralyisia muscular* ou *nicotica* que domina, a ponto de constituir ella só por si o excedente da cifra normal dos alienados, quando as outras formas de alienação mental soffrem apenas fracas variações de numero. Nos asylos das mulheres alienadas, pelo contrario, não se encontram senão as formas antigas e por assim dizer classicas da loucura, e as paralyisias geraes raras vezes apparecem.

Poderão objectar que tudo isto não passa de simples coincidencias. Mas quando as coinciden-

cias se multiplicam, equivalem a uma demonstração. Vêmos a principio que a paralytia geral affecção de preferencia os individuos que fazem uso de tabaco mais ou menos saturado de nicotina. Os militares, os marinheiros sobre tudo, que excedem o resto da população no uso do cachimbo e do charuto, figuram sempre em primeira linha na cifra dos alienados paralyticos; pelo contrario, as mulheres são quasi isentas d'esta doença. As populações que não fumam, ou que fumam um tabaco sem nicotina ou outras plantas, taes como lupulo, chá, etc. gosam da mesma immuni-
dade.

Objectou ainda M. Jolly que o abuso das bebidas alcoolicas associa-se muito a miude ao abuso do tabaco, para que se possam separar os effeitos d'estas duas causas. Sem negar os effeitos perniciosos do absintho, da aguardente e de outras bebidas alcoolicas, M. Jolly creê ter demonstrado que o abuso do tabaco deve ser considerado como sede principal das causas da paralytia geral dos alienados, e eis aqui a razão: M. Jolly viu (e outros medicos tem já confirmado esta observação) paralyticos bebendo apenas agua, mas fumando desmedidamente. M. Grisolle observou um doente que, muito sobrio nas bebidas, fumava uma parte do dia e da noite e que tinha caído em um estado quasi de demencia paralytica. Achou-se promptamente curado logo que, avisado da causa da sua doença, renunciou o tabaco. O doutor Maillot, presidente do conselho de saude militar, affirmou que entre o grande numero de paralyticos, que se offerece annualmente á inspecção, encontram-se muitos que se distinguem pela sua sobriedade no que diz respeito ás bebidas alcoolicas, mas que abusam do cachimbo e do charuto. Emfim, em certas provincias da França, Saintonge, Limousin, Bretanha, aonde se fuma muito pouco, mas é grande o consummo da aguardente, a paralytia geral é quasi desconhecida.

Este concurso de factos e testemunhos é mais que sufficiente para provar que é, especialmente, ao abuso do tabaco, que se deve attribuir a causa essencial da paralytia geral, doença que figura hoje em França por dois terços na cifra total dos alienados.

Um tal facto não pôde deixar de ter influencia no movimento da população. Effectivamente, as estatisticas provam que a população em vez de augmentar tem diminuido.

Antes de 1844, o excesso annual dos nascimentos sobre os obitos era de 150000 almas. Em 1847, notou-se, pela primeira vez, um excedente na mortalidade de 107000 sobre a cifra dos nascimentos. Em 1854, confirmou-se um excedente de 69000 obitos; o que, sommado com a cifra 150000, que tanto foi o de 1853, dá uma perda de 219000 almas em dois annos. Em vão se tem procurado explicar estes tristes resultados pela carestia dos viveres, pelas guerras, epidemias, causas todas estas que, geralmente, produzem fracas oscillações no movimento da população; e não se tem attendido ao numero crescente dos alienados

e paraplegicos, com os quaes senão pôde contar para a reproducção da especie. Alem disso está provado que o tabaco actua como um anaphrodisiaco, e M. Legalas citou ultimamente um exemplo frisante. O abuso, pois, d'esta planta prejudica não somente as forças musculares e intellectuaes, mas ainda a conservação da especie.

O exame dos mappas de mortalidade q'estes ultimos vinte annos, mostra tambem que, de trinta a cincoenta annos, os obitos são muito mais numerosos nos homens do que nas mulheres; de sorte que o numero d'estas que, antes d'esta época, era inferior ao d'aquelles, hoje é superior. Este resultado, decididamente, não pôde contribuir para o augmento da população. Procurando a causa d'esse vaeo immenso que se opera nas fileiras dos homens na época mais florescente da sua vida, a estatistica da mortalidade diz-nos que o maior numero d'estes obitos é devido ás doenças dos centros nervosos, ás differentes formas de doenças mentaes e de paralytias. Ora, como temos demonstrado que o abuso do tabaco vem em primeiro lugar entre as causas d'estas affecções, não se poderá contestar que este veneno não tenha uma influencia manifesta no nenhum augmento da população, mostrado pelas estatisticas. O tabaco viria da America para esgotar as fontes da vida?

Uma vez que o mal chegou a um tal grau de gravidade, é tempo de se lhe procurar remedio. Eis aqui as differentes medidas que M. Jolly propõe:

Em primeiro lugar, substituir no commercio os tabacos mais ou menos saturados de nicotina, pelos do Levante, Grecia, Arabia, Havana, Paraguay, Brazil, quasi isentos d'aquelle alcaloide. Ao mesmo tempo dar-se-ia á agricultura essa grande porção de terreno que França está empregando na a cultura de uma planta venenosa.

Infelizmente, não é provavel que um tal projecto possa ser realisado. Mas n'este caso, M. Jolly propõe outra medida, que consiste em despojar os tabacos indigenas do seu excesso de nicotina. Difficilmente se chegaria ao desejado fim, mas nada impede o introduzir bolinhas de algodão nos fubos dos cachimbos e nas boquilhas para não poder passar a nicotina. Em todos os casos os chimicos deveriam dirigir os seus esforços para este lado, isto é, a eliminação da nicotina; fariam com isso um verdadeiro serviço á humanidade.

O que tambem é necessario é esclarecer o publico sobre o valor relativo das diversas especies de tabaco no ponto de vista hygienico, e sobre as doenças que devem a sua origem ao abuso de tal planta. Dever-se-hia emfim proscrever severamente o tabaco em todos os estabelecimentos de instrucção publica, e prohibir a venda d'esta planta aos individuos que contassem menos de dezeseis annos de idade. Estas medidas prohibitivas impediriam bom numero de crianças de se habituarem a uma cousa tão funesta, n'uma idade em que não podem prever as consequencias, e arruinarem o seu temperamento e força antes de terem acabado o seu desenvolvimento physico.

UM BAILE DE ESTRELLAS NO SECULO XVII

No anno 1612, por occasião do casamento de Isabel de Inglaterra com Frederico V, houve em Londres festas magnificas, que terminaram pela representação de uma especie de baile ao qual se julgou mui acertado dar o nome de *Moralidade*.

Orpheo appareceu primeiro seguido de um camello, de um tigre e de um leão, aos quaes fascinava com os melodiosos sons da sua lyra. Causa surpreendente! mas a idea não era nova; em 1472 já havia figurado no theatro o *Orfeo* de Ange Politien, peça á qual a Italia havia dado o nome de tragedia, e que foi representada diante do cardeal Francisco de Gonzaga. O Orpheo do theatro inglez estava naturalmente submettido ao poder do grande Jupiter. Ora, quando conseguiu amansar os animaes ferozes que se achavam reunidos á roda d'elle, um mensageiro divino, Mercurio, veio pedir-lhe da parte do rei dos deuses outro milagre: convidou-o a fazer dansar as estrellas prolongado os sons da sua lyra. Immediatamente as estrellas se agitaram nos céos e dansaram uma giga muitissimo animada; cavalleiros armados de lanças negras guiavam estes astros, e quando dansaram sufficientemente no Olympo, desceram á terra para divertirem os mortaes. Mas, subito, as estrellas femininas desceram do ceo e, depois de terem figurado entre as nuvens, não desdenharam vir procurar os dansadores e executarem com elles uma sarabanda. Eram as almas das fiéis damas que provavam d'este modo a sua constancia aos bellos cavalleiros com os quaes haviam promettido unir-se. Nisto, sem duvida, é que estava a moralidade.

Affirma-se que este baile, que não é mais extravagante que muitos outros, teve uma fama surpreendente, não diremos voga: estas peças misturadas de canto, apenas tinham uma representação e não serviam senão para a solemnidade que as havia feito nascer.

TASSO

Bosquejo biographico

Torquato Tasso nasceu em Sorrento, a 11 de março de 1544. Descendente de uma das mais illustres familias de Italia, recebeu em Napoles uma educação esmerada.

Quando Carlos V desterrou de Napoles os partidarios do principe de Salerno, foi entre elles Bernardo Tasso, pae de Torquato. A estrella funesta, que, não sei porque molino sestro, acompanha sempre os grandes genios poeticos, attribuiu Bernardo Tasso um especial influxo nas suas desventuras; e para logo resolveu tolher a extraordinaria vocação para a poesia que em seu filho se manifestára desde a idade de sete annos, mandando-o estudar direito em Pádua.

Mas o genio reagiu; e, por entre as agruras da jurisprudencia, cresceu breve a flor da poesia

que — magestoso florão — engrinaldrou depois o inspirado cantor da *Gierusalemme liberata*.

Logo aos dezeseite annos publicou um poema, sob o titulo de *Reinaldo*. Mas o *Reinaldo*, como nota Voltaire, não passa de uma imitação de Achilles, com quanto desperte mais interesse. Todavia a estreia do joven poeta teve um acolhimento bastante lisongeiro, que o animou a encetar aos vinte e dois annos a *Jerusalem*.

Tasso procurou um Mecenaz, e alcançou o patrocínio do duque Affonso II, sendo bem recebido na cõrte de Ferrara.

Affirma-se que Torquato Tasso se apaixonara profundamente por D. Leonor, irmã do duque. Affonso II, breve foi iniciado nos suavissimos mysterios d'aquelles dois corações, e o poeta começou a ser mal tratado na cõrte.

Sem bens, sem pae nem patria, mal visto pelo duque, e conhecedor da impossibilidade de realisar as suas mais intimas aspirações, Torquato Tasso tornou-se extremamente melancolico; caindo por vezes n'um tal furor, que o fazia passar por louco. D'estes accessos momentaneos lançou mão Affonso II, para o afastar do seu palacio, encarcerando-o no hospital de Sant'Anna, que era então o hospital dos doudos.

Depois de alguns annos de prisão, poudo tornar a ver a luz do dia, não para entrar de novo na esplendida cõrte de Ferrára, mas para ir a Sorrento pedir a uma irmã algum allivio para as suas desventuras; porém o poeta voltou para Ferrára coberto de andrajos, e de novo foi encarcerado!

Ao cabo de vinte annos de penas e privações, os inimigos de Torquato Tasso curvaram-se diante da auréola do genio, e o poeta foi arrancado aos braços da miseria.

O cantor das crusadas foi mesmo chamado a Roma por Clemente VIII, para receber a *coróa de louro*, que n'aquelle tempo era uma grande honra. Porém, adoeceu durante os preparativos da cerimonia; e, ao romper do dia, em que havia de ser coroado no capitolio, foi receber da mão de Deus a coróa immarcessivel da gloria eterna.

CANDIDO FIGUEIREDO.

Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas, e chorar com riso: chorar com lagrimas é signal de dôr moderada; chorar sem lagrimas é signal de maior dôr, e chorar com riso é signal de dôr summa e excessiva.

A dôr moderada solta as lagrimas, a grande as enxuga, as congela e as seca. Dôr, que pôde sair pelos olhos não é grande dor.

P.^o ANTONIO VIEIRA

LIVERPOOL

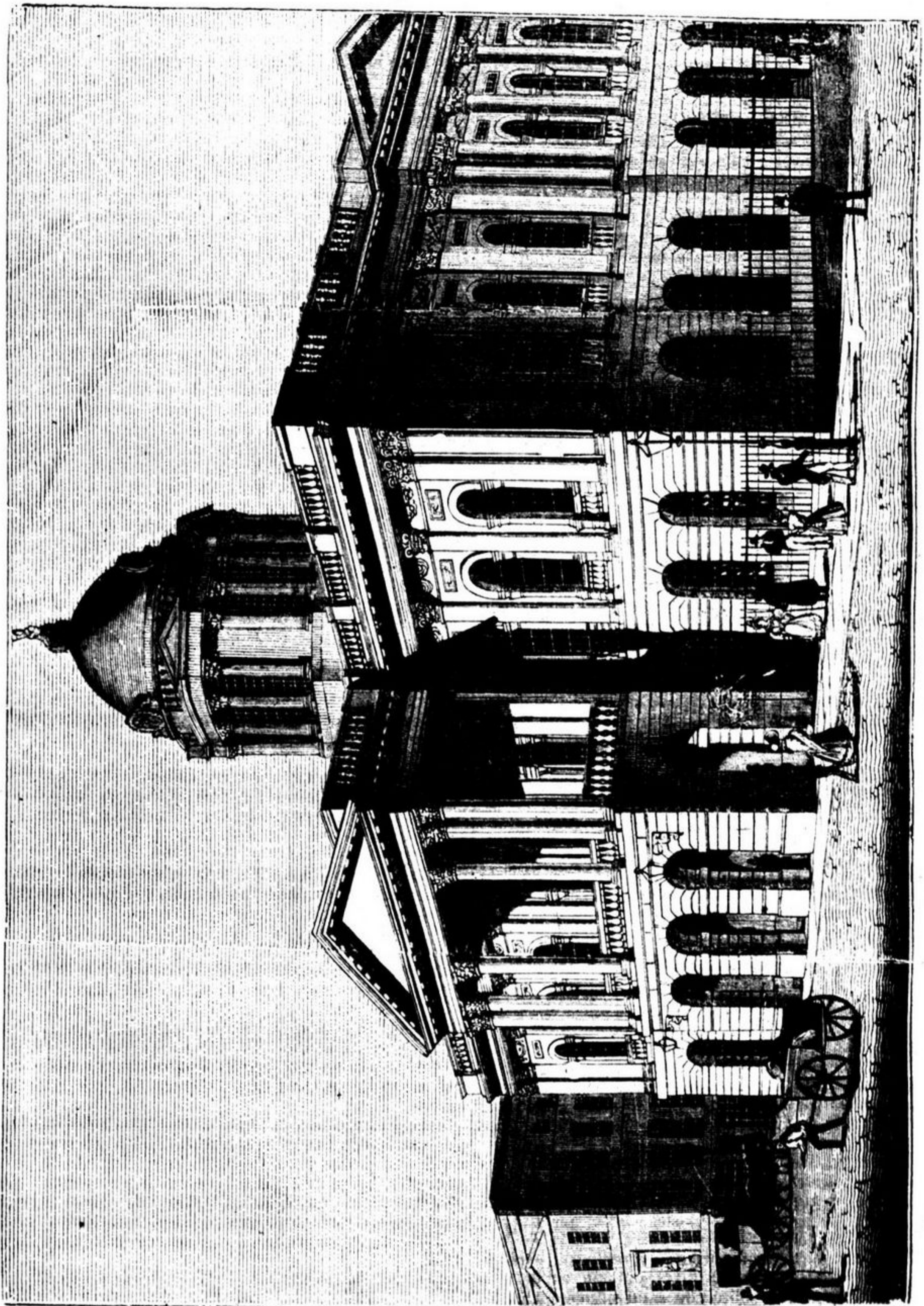
Casa da camara

É, depois de Londres, a cidade mais commercial do Reino-Unido. Faz parte do condado de Lancaster, e debruça-se no espelho cristallino do rio Mersey, que tem, no sitio em que a banha, uma largura de dois kilometros, e que, tres kilometros mais abaixo, se vai lançar no mar da Irlanda. É uma formosa cidade, construida em amphi-

theatro, não poisada em collinas ingremes como a Liverpool portugueza, a cidade do Porto, mas espraçada por um plano suavemente inclinado. Cinge-a uma formosa faixa de lindas casas de campo que matizam os prados relvados em que já se presente a vigorosissima verdura da Irlanda que lhe fica fronteira.

Conta esta cidade trezentos mil habitantes, e podiamos até dar-lhe quatrocentos mil se mettessemos n'este numero

a população dos arrabaldes, e os marinheiros do seu porto. As principaes occupaões d'esta população numerosa são o commercio e a navegação; mas a industria não está por isso menos desenvolvida, e não deixa de occupar uma grande quantidade de braços na construcção dos navios, no fabrico dos chronometros, dos pannos para velas, das ancoras, das amarras, dos artigos d'aco, das machinas de vapor, dos cristaes, do assucar, etc.



Liverpool

Não soffreu esta cidade, como a sua rival Manchester, e como o resto do seu condado (o de Lancaster com a guerra americana, que produziu a crise do algodão. A unica manufactura d'este genero, que alli se estabelecera, arrazou-a um incendio em 1833.

A natureza e a arte ligaram-se entre si para fazerem de Liverpool uma das mais importantes cidades commerciaes do mundo. A sua posição no occidente da Inglaterra torna-a mais propria do que Londres para o commercio da America, porque esta lhe fica a muito menor distancia; estando defronte da Irlanda é naturalmente o centro de todo o commercio entre as duas ilhas, que formam o reino de S. M. a rainha Victoria. Accresce a isto o ser esta cidade o porto natural dos ricos condados manufactureiros de York e Lancaster.

Serviços regulares de paquetes a vapor põem Liverpool em comunicação com os portos mais importantes da Grã-Bretanha e de Irlanda, do resto da Europa, das duas Americas, das Indias e da China; com as cidades manufactureiras do interior ligam-n'a canaes e caminhos de ferro. Caminhos de ferro vão alli parar cinco: um que foi o primeiro que se construiu em Inglaterra, liga-a com Manchester, e não só este caminho de ferro, mas tambem um canal põe em comunicação estas duas importantes cidades. Um outro canal, que é o mais grandioso de todos os canaes inglezes, une esta cidade com a de Leeds.

Por todos os motivos mencionados é Liverpool o grande centro da importação dos productos americanos; a tonelagem sommada dos navios que entram annualmente no seu porto é maior do que a dos navios que entram em Londres. Por aquella porta entra tambem na Inglaterra a seda e o chá da China, o gado, o peiz, as carnes salgadas, as farinhas, e os pannos d'Irlanda; e tudo isto é tanto mais prodigioso quanto Liverpool se pôde dizer que não tem porto, ou que o não teria se a actividade ingleza não operasse verdadeiros prodigios.

Com effeito Liverpool, situada junto da foz do Mersey, não offerece o minimo abrigo aos navios, que ficavam expostos aos furacões, e que, na vasante, se enterravam no lodo. Estas difficuldades fariam desmaiar qualquer povo; não trepidou diante d'ellas a Inglaterra; o genio dos seus melhores engenheiros hydraulicos começou a procurar o meio de obviar a todos estes inconvenientes creados pela natureza, e encontrou... encontrou as *dokas*, esses maravilhosos portos artificiaes, que obrigam as ondas a estacarem perante obstaculos, que a mão dos homens, e não já a mão de Deus, lhes poz diante como barreira insuperavel. A primeira doka foi construida em 1699, depois seguiram-se-lhe outras e outras, e o desenvolvimento do commercio de Liverpool é em grande parte devido a essa causa.

As dokas de Liverpool são de certo os mais curiosos e mais notaveis monumentos d'esta grande cidade. É em geral accusada a nossa época de burguezia, chata, mesquinha, incapaz de comprehender o grandioso, de erguer essas moles gigantes, que affrontam os evos, e em que a mão dos Romanos gravou os poemas da sua gloria. A esta accusação respondem triumphantemente as dokas de Liverpool e outras construcções semelhantes. Que importa que não ergâmos Colyseus, templos erguidos a ferocidade depravada d'um povo corrupto e gasto, thermas colossaes, que não attestam senão a voluptuosidade, indolencia e desenfreado amor do luxo dos degenerados netos dos Catões e dos Gracchos? Que importa, se em troca d'isso, erguemos monumentos que mais valem, dokas imponentes em cujos diques de granito, em cujas muralhas agigantadas quebra o mar com respeito as suas ondas espumantes? Estes é que são os verdadeiros monumentos d'uma civilização illuminada pelo fulgor do Evangelho, mil vezes superiores aos monumentos erguidos pelo futil e depravado sensualismo pagão da decrepita Roma.

São doze as dokas de Liverpool, e prolongam-se pelas margens do rio durante mais de tres kilometros; não fallando nas dokas gigantes, começadas a construir em 1844 a custa d'uma sociedade d'accionistas, dokas que liveram já por feliz resultado transformarem a aldeota de Birkenheade n'uma cidade de mais de quarenta mil habitantes. As mais bellas dokas de Liverpool são as de Clarence, de Wellington e sobretudo a do principe Alberto,

cuja construcção custou um milhão de libras. Junto das dokas ha formidaveis telheiros e armazens, alguns dos quaes chegam a ter doze e quinze andares. Entre as muralhas das dokas e o rio correm uns pequenos caes que servem de passeios publicos.

A cidade apresenta o aspecto geral de todas as cidades inglezas modernas, um conjunto de magnificencia e de miseria, vastas praças, ruas largas e bem arejadas, e vielas estreitas e immundas, onde uma população miseravel se roja nos tremedaes mais asquerosos da pobreza e do vicio. Ruas como a de Escocia (*Scotland-road*) d'uma extensão de perto de tres kilometros, orladas de lojas suntuosas, e becos infectos onde os indigentes se accumulam em pateos escuros e doentios.

A parte mais bella da cidade é ainda assim a parte oriental, onde se admira o lindo passeio que se intitula *Mount pleasant*, do qual se desfruta um admiravel panorama que abrange a cidade toda, o porto e as casas de campo dos arrabaldes.

Liverpool debaixo do ponto de vista artistico pouco offerece de notavel ao viajante: os seus monumentos são frios e pesados. Ha n'esta cidade cento e sessenta e dois templos, capellas, igrejas, e synagogas, tudo edificios extremamente simples. Os mais consideraveis são a igreja de S. Paulo, que tem um portal, que se esteia em formosas columnas, a igreja de S. Jorge, cuja nave é toda de ferro fundido, extravagancia perfeitamente ingleza! A alfandega, a praça do commercio, os mercados da carne e do peixe, manteiga, legumes etc., reunidos n'um edificio que se denomina o mercado de S. João, o mercado do trigo, os differentes Bancos, a caixa economica, e a casa da camara que a nos si gravura representa, são os edificios mais notaveis da cidade.

Ha em Liverpool a mania das grandes edificações. Para se construir um grande deposito na rua de Waterloo foi necessario demolirem-se cento e cincoenta casas; para se construir a estação de um caminho de ferro tornou-se necessaria a demolição de cincoenta casas e uma igreja.

Apezar de se entregar toda ao commercio, não se imagine que a cidade de Liverpool desdenha o movimento scientifico e litterario, ou que presta menos attenção a beneficencia e á instrucção publica. As classes illustradas da Inglaterra fazem os mais louvaveis esforços para arrancarem o proletariado á situação terrivel, em que se acha por muitas causas que seria longo enumerar. Em Liverpool abundam as instituições de beneficencia e os asylos de crianças pobres. Uma das instituições mais uteis e mais originaes que lá se encontram é o *asylo nocturno para os pobres sem casa*. São alli recebidos os pobres e os estrangeiros que não teem onde ficar. Ha tambem hospitaes fluctuantes para mariaheiros; um d'elles é de invalidos, e recebe junctamente com os maritimos, que não podem continuar a sua trabalhosa vida, suas mulheres e seus filhos. Liverpool possui tambem muitas instituições litterarias e scientificas, entre outras o *Mechanic Institute*, cujo jardim botanico passa por ser o mais rico de Inglaterra.

A historia de Liverpool conta-se em poucas palavras. Como a da maior parte das cidades inglezas, mostra-nos um rapido e incessante desenvolvimento. Em 1561 era uma aldeia de pescadores que possuia uns cento e quarenta habitantes, senhores de uns doze barcos. Já em 1644 é uma cidadezinha rodeiada de muralhas. Em 1699 constroe, como dissemos, a sua primeira doka. Em 1700 conta cinco mil habitantes; em 1736 doze mil, em 1760 vinte e seis mil, em 1773 trinta e quatro mil, em 1790 cinquenta e seis mil, em 1801 setenta e sete mil, em 1821 cento e dezenove mil, em 1841 duzentos e vinte e cinco mil, actualmente conta mais de trezentos mil. É maravilhoso!

Esta prosperidade deveram-n'a os habitantes de Liverpool ao trafico iniquo da escravatura, e á guerra da successão de Carlos II de Hespanha que, impedindo os negociantes hespanhoes de traficarem impunemente, entregou aos pouco escrupulosos navios da cidade ingleza o monopolio d'esse commercio odioso. Sua muito sangue o oiro que se empregou no desenvolvimento de Liverpool.

PINHEIRO CHAGAS

INVOCACÃO

Vontade sublime e viva que nome algum pode exprimir, que idéa alguma pôde abraçar, eu posso, contudo, elevar a ti o meu coração; porque tu e eu não estamos separados! Dentro de mim a tua voz faz-se ouvir; em ti, o incompreensível, a minha propria natureza e o mundo inteiro tornam-se-me intelligiveis; todo o enigma da minha existencia está resolvido e uma perfeita harmonia reina em minha alma. Diante de ti vélo o meu rosto e ponho a mão sobre os labios. O que tu és realmente, o que te mostras a ti mesmo, é-me tão impossivel vel-o como chegar a ser teu semelhante. Depois de mil vidas iguaes ás dos espiritos superiores, eu estaria tão pouco no caso de comprehender-te como hoje o estou no fundo da minha prisão d'argila. O que eu comprehendo, segundo o meu proprio entendimento, é finito, e por progressão alguma poderia transformar-se em infinito; porque tu differes do finito, não em grau, mas em especie.

Não emprehenderei, pois, o que a minha natureza finita me impede de emprehender; não procurarei conhecer a essencia e a natureza do *ser*. Contudo, as tuas relações comigo e tudo o que é finito acham-se patentes a meus olhos. Creaste em mim a consciencia do meu dever, a do meu destino na série dos seres racionais; como? ignoro-o; mas tenho necessidade de sabel-o? O que é certo, é que tu conheces os meus pensamentos e acceltas as minhas intenções, e a contemplação de tuas relações com a minha natureza finita basta para tranquillisar-me e tornar-me feliz. De mim mesmo não sei o que devo fazer; operarei simples, tranquillamente e sem malicia, porque é a tua voz que m'o ordena, e a força com a qual cumpro o meu dever é a tua propria. Não tenho medo algum dos acontecimentos d'este mundo porque este mundo é o teu. Todo acontecimento faz parte do plano do universo eterno e da bondade. O que n'este plano, é positivamente bem, ou somente meio de evitar o mal, ignoro-o. No teu universo, *tudo acabará bem*; é sufficiente para mim, e n'esta fé estou firme. Que importa que eu não conheça o que é puro germen, flor ou fructo perfeito! A unica coisa para mim importante é o progresso da razão e da moralidade através das fileiras dos seres racionais. Ah! quando o meu coração se fecha a todo desejo terrestre, como o universo me apparece sob um aspecto glorioso! As massas mortas e incommodas que servem somente para encher o espaço desvanecem-se, e, em seu lugar, uma eterna onda de vida, de força e de acção, dimana da grande fonte de vida primordial, da tua vida, ó tu, eterna unidade!

A BOCCA DO INFERNO

III

Luiz de Mello, o segundo tenente do brigue, pertencia a uma distincta familia portugueza. Tinha-no deixado seguir a carreira de marinha para lhe contrariar a vocação.

Luiz gostava do mar, porque, dizia elle, era alli que sentia a alma desligar-se das cadeias da terra. Sonhára desde criança com a gloria e com o amor, copula abençoada entre uma aspiração e um sentimento, da qual resultam muitas vezes heroismes. Creio mesmo que andam sempre ligados. A ambição dos triumphos que levava os heroes da cavallaria, os soldados da media idade aos campos da Palestina, ás plagas inhospitais do Oriente, não era apenas atçada pelo fervor religioso—havia talvez o desejo voltar á Europa podendo depôr os elmos laureados aos pés da castella promettida. A inspiração que na alma do Dante creou os segredos sublimes do Inferno, insufflou-a Beatriz, a quem coube colher as palmas do genio da poesia moderna. Quando o Tasso concebia a conquista de Jerusalem, e a imaginação fervente de enthusiasmos creava Tancredo, e produzia Armida,—o anjo dos seus sonhos, a *bella Eleonora*, imprimia talvez com um osculo na fronte do poeta o condão dos seus destinos immortaes. Quando Rafael de Urbino, traçava na tela esses bustos inspirados das suas *madonnas*, Fornarina prestava ao genio da pintura os encantos do seu rosto e a ternura da sua alma apaixonada.

Que glorias não tiveram o incitamento do amor?

Luiz, que sonhava com os triumphos ganhos nas lides da intelligencia, estudava e escrevia; mas no meio das suas justas aspirações, sentia elle as vagas anciedades do coração, que anheia por sentimentos mais suaves e não menos bellos—Luiz desejava, precisava amar.

As ligações occasionaes, que forçosamente devera ter tido durante a vida, não lhe satisfaziam as necessidades da alma, que pedia os gozos superiores do affecto.

Passara no mar o melhor tempo da mocidade—dos 14 annos aos 25, e no mar não apparecem dessas creaturas formadas por Deus de uma parte do homem, para serem d'elle eternas companheiras.

Correra os oceanos; visitára quasi toda a Europa; vivêra muito tempo nas regiões tropicaes; passára mais de uma vez o equador; e de mar em mar, de tormenta em tormenta gastára, esses bellos annos da vida. Se nos curtos intervallos d'esta existencia passada sempre sobre as aguas, acertava de encontrar alguma mulher bella a quem podera amar—a visão desapparecia rapidamente, passava-lhe de relance deante dos olhos—e elle continuava a seguir-a sua sorte, velas largas pelos oceanos!

Depois de alguns annos de ausencia da patria, Luiz de Mello voltava a Lisboa, e como o tempo não permittisse a entrada sem risco no Tejo fundiava defronte de Cascaes.

Quando Luiz desembarcou, muitas das pessoas que estavam na praia vieram offerecer-lhe serviços. O mancebo agradeceu cordialmente, e perguntou onde podia fallar ao capitão do porto. Acompanharam-no alguns homens, entre os quaes foi o irmão de Christina.

Pedro de Brito, que assim se chamava o filho

da sr.^a morgada, conhecia quem então exercia as funcções de capitão do porto e apresentou-lhe Luiz de Mello. Acabada a conferencia entre os dois officiaes, Pedro saiu com Luiz e convidou-o a descançar em sua casa. A morgada, fiel aos deveres da hospitalidade, recebeu o tenente com a cortezia que lhe era peculiar.

O entusiasmo com que o mancebo fallou das suas viagens; as descripções cheias de verdade e poesia que fez do oceano e das tempestades, fascinaram Christina. O extraordinario principiava a produzir seu effeito no espirito da donzella.

Luiz não sentira menores impressões quando Pedro de Brito o apresentou a sua irmã, e poudo ver uma bella physionomia de mulher, que fixou n'elle um languido olhar.

Durante a conversação Christina mostrou os dotes de espirito que possuia, e revelou que a par d'aquella opulenta natureza, existia um coração entusiasta, e uma intelligencia distincta.

O accaso, ou a providencia, aproximava aquelles dois entes tão irmãmente organisados!

Para que hei de demorar mais uma confissão que a leitora perspicaz já adivinhou?

Luiz amou Christina, e foi correspondido.

A. D'OLIVEIRA PIRES.

(Continua.)

SOMBRAS

À memoria de J. H. Cruz Lima (1)

I

Vai a gente vivendo n'este mundo
como baixel sem rumo no oceano,
até que enfim um dia desça ao fundo,
mysterios d'alem-tumulo a sondar...
No entanto, as illusões passam e correm
— falsas miragens, que nossa alma prendem;
mas passam! e com ellas tambem morrem
aquelles que no pó vão descansar.

A morte! a morte é o ómega da vida,
sêlo que fecha o livro da existencia;
anjo, que ao fim de senda dolorida,
nos conduz ao repouso tumular;
nuvem ignea que vem a este inferno
lagrimas enxugar, queimar abrolhos,
e levar-nos lá acima aonde o eterno
os martyres da vida sóe c'roar.

A vida, curto epilogo das dores
que alanceiam as almas dos precitos,
?quem a pode chamar jardim de flores,
quem ha dos homens que inda a possa amar?
Por isso, o nosso coração duvida
se ha purgatorio que não seja o mundo;
e os que estalam os vinculos da vida
é sorrindo que o mundo vão deixar.

E pois que aqui se pena e além se gosa,
?pra que chorar quem d'este val de lagrimas
sobe entre risos a mansão ditosa,
onde não ha nem sombra de pezar?
Mas, viajor no deserto da existencia,
eu choro um companheiro de viagem,
não sei se por sentir a sua ausencia,
se por o não poder acompanhar!...

(1) Foi um poeta de bastante merecimento, que chegaria a ser uma distincta gloria de Vizeu, se o não arrebatasse a morte no verdor dos annos. Publicou algumas poesias na *Grinalda* do Porto, e n'outras folhas periodicas; e deixou muitas, inéditas, que, se não me engano, breve serão offerecidas a apreciação do publico.

II

Eu vi-lhe na fronte pálida
o estigma do soffrimento;
e da dôr a pobre victima
não soltava um só lamento:
curvado já para o tumulo,
à desgraça o vi sorrir,
e com as flores do genio
os espinhos da existencia
encobrir...

Da eternidade ao vestibulo,
inda então vinha involvel-o
com as suas azas candidas
da poesia o archanjo bello;
mas em sua fronte livida
breve o riso feneceu,
e o fenecer d'esse jubilo
foi transição momentanea
para o ceu.

Depois... ao ceu subia uma alma pura,
e um cadaver baixava á sepultura.

III

As horas do crepusculo,
quando desmaia o dia,
e o sol, involto em purpura,
um triste adeus envia;

e quando além suspira
a brisa; e a luz da lua,
na campa fria e nua,
da cruz a sombra estira;

quando o cipreste trémulo,
das auras agitado,
entorna sobre os tumulos
um canto dolorido:

irei verter meu pranto,
soltar tristes endeixas;
e do cipreste ás queixas
irei casar meu canto.

Na lápida marmórea,
à noite a sós prostrado,
segredarei aos tumulos
meu canto magoad,

que ao ceu, o subtil bando
das auras, erguer hade,
as vozes da saudade
no espaço murmurando.

E tu hasde escutar-me, ó alma pura;
e hasde pedir a Deus, saudoso amigo,
que eu vença enfim o mal, e entre comtigo
na partilha do bem que sempre dura.

CANDIDO FIGUEIREDO.

RESPOSTA A UM TOLO

Um tolo exprobando a um lord o ter sido aprendiz de barbeiro, o grande personagem respondeu-lhe:

«A differença que ha entre vós e eu, é que, se tivesses sido aprendiz de barbeiro, ainda hoje o serieis.»